

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

CLEONICE CECILIANO DA ROCHA SANTOS

**A INFLUÊNCIA DO VÍNCULO AFETIVO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA
DA EDUCAÇÃO ESPECIAL**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2014

CLEONICE CECILIANO DA ROCHA SANTOS

**A INFLUÊNCIA DO VÍNCULO AFETIVO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA
DA EDUCAÇÃO ESPECIAL**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Polo UAB do Município de Umuarama-PR, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador: Prof. Dr Fernando Periotto

MEDIANEIRA

2014



TERMO DE APROVAÇÃO

A influência do vínculo afetivo na prática pedagógica da Educação Especial

Por

Cleonice Ceciliano da Rocha Santos

Esta monografia foi apresentada às 09h16min do dia **25 de outubro de 2014** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Polo de Umuarama-PR, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

Prof. Dr. Fernando Periotto
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientador)

Prof. Me. Henry Charles Albert D. N. T. de Mendonça Brandão
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof. Me Evandro André Konopatzki
UTFPR – Câmpus Medianeira

Este projeto só chegou até aqui devido à imensa colaboração de muitas pessoas, por este motivo dedico a minha alegria pelo fim deste, a minha família e a Deus.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por todas as bênçãos concedidas, saúde, perseverança, otimismo, alegrias e tristezas, vontade de crescer e de aprender, o muito obrigado.

A minha família, que sempre me apoiaram cada etapa de minha vida ajudando, incentivando a seguir para conquistar mais este sonho.

Ao meu orientador Prof. Fernando Periotto e Prof^a Francielly Torres dos Santos pela paciência, dedicação e incentivo que muito me ajudaram a prosseguir os estudos nesta área.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Aos meus amigos, que colaboraram intensamente para a realização deste trabalho, me incentivando, colaborando com referências bibliográficas, em especial a minha amiga Juliana do Carmo pelas orientações e sugestões para a realização desta monografia.

É com amor e sabedoria que dedico essa pesquisa a todos os Funcionários, Pais e Alunos da Escola, pela acolhida e aprendizagem adquirida durante esses meses de convivência da qual me ensinaram a ser mais humilde e solidária.

Enfim agradeço a Deus por ter me dado sabedoria, ética e compromisso com a construção desse conhecimento.

Talvez a chave seja a simplicidade
Talvez prestar mais atenção na realidade
Porque não ver como lição
O exemplo de superação de tantas pessoas...
Pra ser feliz...
Do que é que o ser humano necessita
O que é que faz a vida ser bonita
A resposta onde é que está escrita

(Elias Muniz)

RESUMO

SANTOS, C. A influência do vínculo afetivo na prática pedagógica da Educação Especial. 2014. 61 f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Medianeira, 2014.

O trabalho destaca a importância da afetividade no processo de aprendizagem do aluno com deficiência intelectual e múltipla, analisando e refletindo sobre os aspectos socioafetivos para o desenvolvimento do mesmo e o processo ensino-aprendizagem na educação especial, com enfoque na importância da afetividade como recurso motivacional para a relação professor-aluno, visto que, a escola de forma geral deve possibilitar ao aluno um desenvolvimento afetivo que lhe proporcione liberdade de expressão e interação social e o leve à construção de sua autonomia, respeitando suas especificidades. Partindo desse contexto, o professor deve conhecer melhor a realidade de seus alunos, de seus familiares e de sua comunidade escolar, possibilitando em seu ambiente de trabalho uma investigação preventiva a fim de reconhecer e analisar qual a melhor conduta a ser tomada frente a um problema. O presente trabalho abordou uma pesquisa de campo, com base na visão de alguns teóricos entre eles Wallon, Vygotsky e Piaget, relatando a importância do afeto na relação professor-aluno e família no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que é a pedagogia do afeto no processo educativo que norteia a conduta do educando na vida pessoal e social de cada indivíduo.

Palavras-chave: Afetividade. Pedagogia. Educando. Lúdico. Aprendizagem.

ABSTRACT

SANTOS, C. The influence of affective link in practice of teaching Special Education. 2014. 61 f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Medianeira, 2014.

The work highlights the importance of affect in the learning of a student with a intellectual and multiple disabilities process, analyzing and reflecting on the social-affective for its development and the teaching and learning in special education, focusing on the importance of affective aspects as motivational resource for the teacher-student relationship, as the school generally must provide the student an affective development that gives you freedom of expression and social interaction and leads to the construction of their autonomy, respecting their specificities. From this context, the teacher must better understand the reality of their students, their families and their school community, interando their needs, enabling on your desktop a preventative research to recognize and analyze how best to conduct be taken before a problem. This work addressed a search field, based on the view of some theorists including Wallon, Vygotsky and Piaget, reporting the importance of affect in teacher-student relationship and family in the teaching-learning process, since it is the pedagogy of affect in educational process that guides the conduct of the student's personal and social life of every individual.

Keywords: Affectivity. Pedagogy. Student. Playful. Learning.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Alunos do Ensino Fundamental - 06 a 16 anos.....	16
Fotografia 2: Atividade de Dança, alunos da EJA	17
Fotografia 3: Aluna do Ensino Fundamental e sua mãe.....	19
Fotografia 4: Aluno da Educação Infantil e sua mãe	21
Fotografia 5: Mães especiais, filhos excepcionais.....	26
Fotografia 6: Alunos desenvolvendo jogos educativos.....	31
Fotografia 7: Comemoração ao dia da criança.....	32
Fotografia 8: Brincando e aprendendo	33
Fotografia 9: Aluno do Ensino Fundamental na Brinquedoteca	34
Fotografia 10: Alunos da EJA utilizando os jogos lúdicos como método de aprendizagem.....	35
Fotografia 11: Atividades lúdicas.....	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 O ENTENDIMENTO SOBRE EDUCAÇÃO	13
2.1.1 Conceituando Afetividade.....	13
2.1.1.1 A construção do Afeto na vida da Criança	18
2.2 RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA	22
2.2.1 Aprendizagem e o Desenvolvimento e a relação com a afetividade	27
2.2.1.1 O Lúdico e as implicações na Afetividade	30
2.2.1.1.1 Oficinas Educativas: Brincar e Aprender	34
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	37
3.1 LOCAL DA PESQUISA	38
3.2 TIPO DE PESQUISA.....	38
3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA	38
3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	38
3.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	39
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS.....	51
APÊNDICES	56

1 INTRODUÇÃO

Com as constantes mudanças no contexto educacional nos últimos anos, o acesso à aprendizagem não é privilégio exclusivo de uma minoria, pois a oportunidade é dada para a maioria da população, embora, haja diferentes esferas sociais. Este fato pode ser notado diante de situações que atravessam o ensino público ou privado, ou seja, os olhares sobre o ensinar e o ato de aprender ganham cada vez mais espaço com a acirrada era da globalização e do tecnicismo que incentivam e apontam novos horizontes no que se refere às descobertas na aprendizagem.

Com isso, em uma análise contundente sobre a afetividade e a influência da mesma na relação professor-aluno-família, dos alunos com deficiência intelectual e múltipla, percebe-se que nessa relação, o predomínio da prática educativa condiz com a realidade enfrentada por educadores no cotidiano escolar. O afeto é muito importante para que a aprendizagem aconteça de forma efetiva, levando o aluno a sentir-se valorizado. É interessante ao professor conhecer melhor seus alunos e sua família e a comunidade escolar, se interagindo das suas necessidades, possibilitando a si e a escola onde se trabalha uma investigação preventiva a fim de reconhecer e analisar qual a melhor conduta a ser tomada frente a um problema.

A proposta aqui abordada foi analisar e refletir sobre a importância dos aspectos socioafetivos para o desenvolvimento e o processo ensino-aprendizagem na educação especial, com enfoque na importância da afetividade como recurso motivacional e para a relação professor-aluno, visto que, a escola, de forma geral, deve possibilitar ao aluno um desenvolvimento afetivo, que lhe proporcione liberdade de expressão e interação social e o leve a construção de sua autonomia respeitando suas especificidades.

Diante dos possíveis problemas enfrentados pelos professores, já na Educação Infantil (0 a 3 anos), foram feitas as seguintes indagações: Como está a relação professor-aluno, na sala de aula? Os professores estão contribuindo para o desenvolvimento afetivo de seus alunos? Uma pedagogia, baseada no afeto, facilitaria o processo ensino aprendizagem? Como a afetividade poderá contribuir para o aluno construir o conhecimento e a criatividade na escola?

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No processo de ensino e aprendizagem, a inteligência ou a capacidade cognitiva do ser humano vai ao encontro da capacidade que o indivíduo tem para aprender. Ao desenvolver a capacidade de aprender, aos poucos se evidenciam outros aspectos que englobam a aprendizagem de forma relevante. Dentre esses aspectos, estão o social e o afetivo que, associados ao aspecto cognitivo, revelam as etapas da aprendizagem.

A partir de referências bibliográficas sobre educação e afetividade é possível constatar que as escolas que primam pela prática educativa voltada à afetividade no processo de ensino e aprendizagem, defendem que a relação professor-aluno deve ser focada sempre com o objetivo de aproximá-los e jamais afastá-los. É por essa razão, que os reflexos de uma relação professor-aluno, onde a afetividade se evidencia facilmente, tende a render resultados satisfatórios no ambiente escolar.

Vale ressaltar que este estudo buscou aprofundar conhecimentos na área da prática pedagógica do afeto aos alunos da Escola, na modalidade Educação Especial para contribuir na implementação de ideias que as escolas almejam para continuar mantendo uma boa relação professor-aluno no ambiente escolar de forma harmoniosa, ajudando os profissionais a repensarem sua prática pedagógica diária.

Codo e Gazzotti (1999) enfatiza que o ato de educar só terá sucesso se houver uma relação afetiva entre professor e aluno, do contrário, a aprendizagem não será significativa e não preparará o indivíduo para uma vida futuro, deixando lacunas no processo ensino-aprendizagem.

Almeida (2005) afirma que a afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas possuem funções bem definidas, e quando integradas permitem ao indivíduo atingir níveis de evolução cada vez mais elevados.

Para compreender o tema afetividade de forma ampla é necessário entender a perspectiva de afetividade e a teoria de desenvolvimento cognitivo de acordo com Jean Piaget. Segundo Piaget (1976, p. 16) “o afeto é essencial para o funcionamento da inteligência”. Num sentido amplo, Piaget deixa claro que a afetividade não se restringe somente a sentimentos e emoções, mas engloba também a motivação, as tendências e vontades, presentes na vida do ser humano.

Sobre a importância dos aspectos socioafetivos para o desenvolvimento e o processo ensino-aprendizagem, com foco na importância da afetividade como recurso motivacional e para a relação professor-aluno, visto que, se faz importante possibilitar ao aluno um desenvolvimento afetivo, a fim de que o leve a construção de uma personalidade autônoma, atuando como sujeito de si mesmo. Este estudo está estruturado em capítulos assim constituídos:

Capítulo II trata-se de como se processa a aprendizagem e sua correlação com a educação e os conceitos da afetividade sob a perspectiva de Vygotski, Piaget e Wallon, entre outros, versa ainda sobre os fatores que intervêm no laço afetivo nas relações parentais, a importância da família dentro do desenvolvimento infantil e sobre como a afetividade deve permear na família e escola. Aborda também a influência da afetividade na aprendizagem e o lúdico como recurso de aprendizagem, sua importância tanto educativa como lúdica, focando a interação entre os educandos.

No capítulo III, versa sobre os procedimentos metodológicos utilizados durante a pesquisa de campo.

Esta pesquisa de campo poderá contribuir de forma significativa na questão da afetividade e sua influência na relação professor-aluno no que se refere às melhorias neste sentido, pois a realidade vivenciada na sala de aula nem sempre permite que a relação professor-aluno tenha reflexos de apego ou afeto, algumas vezes, são situações que ao invés de aproximar acabam afastando o professor e o aluno em termos de afetividade.

2.1 O ENTENDIMENTO SOBRE EDUCAÇÃO

Quando se começa a viver em comunidade, além de educar-se, as pessoas passam a educar também os outros através de sua experiência, de sua vida prática diária. “A educação engloba os processos de ensinar e aprender. É um fenômeno observado em qualquer sociedade. É exercida nos diversos espaços de convívio social”.

A educação está em todos os lugares e no ensino todos os saberes, porém os agentes da educação com consciência ou não reproduzem ideologias que atendem a grupos isolados da sociedade, ou seja, a educação é dada independentemente da posição social na qual o indivíduo está inserido. (BRANDÃO, 1995, p. 23).

Durkheim (1993) destaca que o processo educacional se dá através da família, igreja, escola e comunidade. Parte-se do ponto de vista que, o homem é egoísta, necessitando então ser preparado para sua vida na sociedade. A ação exercida pelas gerações adultas sobre as que ainda não estão maduras para a vida social tem por objetivo suscitar e desenvolver na criança determinados números de estados físicos, intelectuais e morais que dele reclamam, por um lado, a sociedade política em seu conjunto, e por outra o meio específico ao qual está destinado.

O ensino tem como função principal, levar as crianças a desenvolver suas habilidades naturais. Nas primeiras séries do ensino fundamental, a relação entre professor e aluno, carece de um clima de maior afetividade, visto que, nessa fase de escolaridade, o aluno faz do ambiente escolar uma extensão do lar, em busca de segurança e afeto. (FERRARI, 2004, p. 36)

Almeida (2005) afirma que a escola desempenha um papel fundamental no desenvolvimento sócio-afetivo da criança. Como meio social, é um ambiente diferente da família, porém bastante propício ao seu desenvolvimento, pois é diversificado, rico em interações, e permite a criança estabelecer relações simétricas entre parceiros da mesma idade e assimétricas com adultos.

A sala de aula é um ambiente onde as emoções se expressam, e a infância é a fase emocional por excelência. Como em qualquer outro meio social, existem diferenças, conflitos e situações que provocam os mais variados tipos de emoção. E, como é impossível viver num mundo sem emoções, ao professor cabe administrá-las, coordená-las [...]. O professor deve procurar utilizar as emoções como fonte de energia e, quando possível, as expressões emocionais dos alunos como facilitador do conhecimento. É necessário encarar o afetivo como parte do processo de conhecimento, já que ambos são inseparáveis. (ALMEIDA, 2005, p. 103).

Entretanto, diante dos problemas enfrentados pelos professores, são feitas as seguintes indagações: Como está a relação professor-aluno, na sala de aula? Os professores estão contribuindo para o desenvolvimento afetivo-sadio dos discentes? Uma pedagogia, baseada no afeto, facilitaria o processo ensino aprendizagem?

Acredita-se que “não dá para ensinar pensando apenas na cabeça do aluno, pois o coração também é importante”. (MELLO, 2004, p. 18).

2.1.1 Conceituando Afetividade

Segundo Ferreira, (1999) a palavra afeto vem do latim *affectur* (afetar, tocar) e constitui o elemento básico da afetividade. O afeto, do latim *affectus*, corresponde no português a “sentimento de amizade”, “afeiçoado a”, “carinho”, “afabilidade”. Assim, quando se pensa em “afeição”, vêm naturalmente à mente imagens relacionadas a cuidado, acolhimento, aceitação, afago. Para ser afeto, precisa afetar, tocar, contactar aquele que estava “sujeito a”, produzindo uma mudança de estado. Assim, o afeto é uma emoção que logo avistamos, porque se materializa e, desta forma, se comunica, se avista.

O afeto constitui-se no elemento básico da afetividade humana, que é um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre de impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou de tristeza. (CODÓ; GAZZOTTI, 1999, p. 48-59).

Tendo afeto, a criança apresenta melhor aprendizagem, mostra motivação e melhora a disciplina, da qual se considera conquistas significativas. “O pensamento tem origem na esfera das motivações, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulso, afeto e emoção”. (VYGOTSKI, 1998, p. 76).

O desenvolvimento da inteligência permite, sem dúvida, que a motivação possa ser despertada por um número cada vez maior de objetivos ou situações. Todavia, ao longo desse desenvolvimento, o princípio básico permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações, e a razão está ao seu serviço. (LA TAILLE, 1992, p. 65).

Segundo Lobo (1999, p. 87), “para que a criança controle bem suas emoções é preciso que ela saiba traduzir em palavras o que está sentindo, que reconheça os seus sentimentos e o que tenha boa comunicação com os pais e boa relação afetiva”.

O alimento afetivo é tão indispensável para a sobrevivência do ser humano quanto o são o oxigênio que respira ou a água e os nutrientes orgânicos que ingere. Sem o afeto ministrado pelos pais, o ser humano não desabrocha, permanece fechado. (OSÓRIO, 1996, p. 20).



Fotografia 1: Alunos do Ensino Fundamental - 06 a 16 anos
Fonte: Escola, 2014

Segundo Piaget (1977) a vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão. O afeto pode acelerar ou retardar o desenvolvimento das estruturas cognitivas. O afeto acelera o desenvolvimento das estruturas, no caso de interesse e necessidade, e retarda quando a situação afetiva é obstáculo para o desenvolvimento intelectual.

A afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações. Neste caso, não há conflito entre as duas partes. Porém, pensar a razão contra a afetividade é problemático porque então dever-se-ia, de alguma forma, dotar a razão de algum poder semelhante ao da afetividade, ou seja, reconhecer nela a característica de móvel, de energia. (LA TAILLE, 1992, p. 65-66).



Fotografia 2: Atividade de Dança, alunos da EJA
Fonte: Autoria própria, 2014

Wallon (1975) acreditava na importância do outro para o desenvolvimento humano, e defende que a emoção é o primeiro e mais forte elo entre os indivíduos. As primeiras relações utilitárias da criança não são as suas relações com o meio físico, que, quando aparecem, começam por ser lúdicas; são relações humanas, relações de compreensão, que tem como instrumento necessário meios de expressão, e é por isso que a criança, se não é naturalmente um membro consciente da sociedade, também não é um ser primitivo e totalmente orientado para a sociedade.

A afetividade tem papel importante, no decorrer de todo desenvolvimento do indivíduo. Nos primeiros meses de vida para o bebê, o afeto é desencadeador de comunicação. Sendo manifestado através dos impulsos emocionais, e a partir daí é estabelecido os primeiros contatos com o mundo. (WALLON, 1968, p. 149)

Pinto (2008) relata que a afetividade passa a ser considerada como uma forma de se rotular a percepção de forma individual e subjetiva, tendo ela um significado diferente para cada indivíduo. Dessa forma a afetividade pode ser tratada como uma dimensão do psiquismo humano que compreende um conjunto, complexo e dinâmico, de características particulares voltadas à valoração que se dá a uma

pessoa, objeto ou experiência particular e que afetam o funcionamento psíquico do ser humano.

2.1.1.1 A construção do Afeto na vida da Criança

O espaço familiar deve ser valorizado pelos adultos, valorizando as ações das crianças, e também pensando em suas ações, a análise de Galvão (1995) compartilha deste ponto de vista, pois o adulto seria o espelho para suas imitações, a criança repete aquilo que vê, o que vê é entendido como algo importante a ser seguido. Por isso, o ambiente em que a criança esteja inserida, deve ser harmonioso, que apresente uma estabilidade emocional. A determinação recíproca que se estabelece entre as condutas da criança e os recursos de seu meio imprime um caráter de extrema relatividade ao processo de desenvolvimento.

De acordo com Almeida (2005):

As relações familiares ordenam a vida da criança ou não, depende de como é essa relação. A criança para corresponder com sua mãe se utiliza de gestos expressivos; “aos três meses sabe dirigir-se às pessoas a sua volta por meio de sorrisos e sinais de contentamento, que constituem já um laço afetivo entre elas e aqueles que lhe correspondem”. (ALMEIDA, 2005, p. 92).



Fotografia 3: Aluna do Ensino Fundamental e sua mãe
Fonte: Revista Kids Mais, 2014

À medida que as crianças se desenvolvem afetivamente, mudanças paralelas podem ser observadas em seus julgamentos morais. O desenvolvimento do afeto normativo, da vontade e do raciocínio autônomo influencia a moral e a vida afetiva da criança operacional concreta. As crianças desenvolvem a capacidade de perceber o ponto de vista dos outros, de considerar as intenções e de melhor se adaptarem ao mundo social. (WADSWORTH, 1997 p. 74).

NERY (2003) demonstra que para o vínculo afetivo ser bem constituído é necessário que a atitude de um indivíduo venha a refletir de forma positiva frente aos problemas e na forma como vai interagir com o outro e vai construindo vínculos afetivos com significados de amor. Os vínculos que estabelecemos nos despertam para a experiência emocional neles contida. É essa experiência que lhes dá autenticidade e o aquecimento para a sua efetivação. A afetividade pode elucidar as motivações e o sentido do desempenho dos nossos diversos papéis.

A aprendizagem vivida nos vínculos é um dos fundamentos da aprendizagem dos papéis e de suas características. A afetividade é o conjunto de respostas subjetivas e definidas, expressas sob a forma de sentimentos, sensações, estados emocionais, desejos, necessidades e humores. Quando um indivíduo desempenha um papel, sua afetividade é vivida como a expressão e a consequência da busca da manutenção da homeostase biopsíquica-social. (NERY, 2003, p. 18).

Segundo Nery (2003) na constituição de uma identidade, o indivíduo tem que ser afetado pelo amor daqueles que o cercam, desde seu nascimento, afinal o amor é essencial para que futuramente haja a aproximação de vínculos afetivos saudáveis. Os pais devem ter como seu dever a aprendizagem emocional.

Tem o amor como o norteador das vivências afetivas, porque é a base da existência do ser, por ser uma força de atração, um impulso à vida. A carga afetiva do amor é a responsável pela integridade psíquica, que promove a atualização das potencialidades do ser no desempenho dos papéis. (NERY, 2003, p. 39).

Erikson (1985 apud BEE, 2003), compartilham que em seus oito estágios de desenvolvimento, os estágios psicossociais do desenvolvimento, nos mostra como ocorre esse processo de dependência e independência ao longo da constituição do indivíduo. Do nascimento ao final do primeiro ano de vida, o primeiro estágio, o da Confiança Básica versus Desconfiança Básica, ocorre quando a criança desenvolve um senso de confiança básica na previsibilidade do mundo e na sua capacidade de influenciar os acontecimentos ao seu redor.

O comportamento da principal cuidadora (normalmente a mãe) é crítico para uma boa ou uma má resolução dessa crise. As crianças que saem do primeiro ano com um sólido senso de confiança são aquelas cujos pais são amorosos e respondem a elas de maneira previsível e confiável. Uma criança que desenvolveu um senso de confiança passará para outros relacionamentos levando consigo esse sentimento. Os bebês cujo cuidado inicial foi errático ou áspero podem desenvolver desconfiança e levar também consigo esse sentimento para relacionamentos posteriores. A criança também precisa desenvolver certa desconfiança sadia, como aprender a discriminar entre situações perigosas e seguras. (BEE, 2003, p. 309).



Fotografia 4: Aluno da Educação Infantil e sua mãe
Fonte: Revista Kids Mais, 2014

De 2 a 3 anos de idade, o segundo estágio psicossocial proposto por Erikson (1985 apud BEE, 2003) tem-se a Autonomia versus Vergonha e Dúvida, onde via-se a maior mobilidade da criança durante esses anos como estabelecendo a base para o senso de independência ou autonomia.

Segundo Bee (2003) se os esforços de independência da criança forem orientados com cuidado pelos pais e se ela vivenciar repetidos fracassos ou o ridículo, os resultados de todas as novas oportunidades de exploração podem ser a vergonha e a dúvida, em vez de um senso básico de autocontrole e autovalor. Alguma dúvida é necessária para que a criança compreenda quais comportamentos são aceitáveis e quais não são, quais são seguros e quais são perigosos.

Bee (2003), afirma que de 4 a 5 anos de idade, o terceiro estágio é a Iniciativa versus a culpa onde é introduzida por novas habilidades ou capacidades da criança. Aos 4 anos, ela é capaz de fazer algum planejamento, de assumir a iniciativa para atingir determinados objetivos. A criança experimenta essas novas habilidades cognitivas, tentar conquistar o mundo que o cerca. Esta é uma época de vigor, de ação e de comportamentos que os pais podem ver como agressivo.

Alguma culpa é necessária, pois sem ela não haverá nenhuma consciência, nenhum autocontrole.

“A interação entre pais e filhos, com certeza, não é a total indulgência, mas culpa demais pode inibir a criatividade da criança e as livres interações com os outros”. (BEE, 2003, p. 310).

2.2 RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA

Quando se pensa em educação, primeiramente são enfatizadas propostas educacionais voltadas para uma educação séria, responsável e com propósitos voltados na participação da família, pois sabe-se que por melhor que seja uma escola e por mais preparados que sejam sua equipe pedagógica, haverão falhas. Devido a isso é necessário à participação efetiva e constante da família no processo de aprendizagem da criança.

Segundo Chalita (2001, p. 21) “a preparação para a vida, a formação da pessoa, a construção do ser são responsabilidades da família”.

A família e a escola, por serem as primeiras unidades de contato contínuo, são também os primeiros contextos nos quais se desenvolvem padrões de socialização e problemas sociais. É fácil perceber que o cabo destes dois alicerces interfere diretamente na estrutura pessoal de um indivíduo, principalmente, quando esse está em formação”. (PRESTES, 2005, p. 37).

Costa (2001) diz que em famílias desestruturadas, em que há falta de afeto, as crianças apresentam-se arredias e carentes, com a autoestima muito baixa. No entanto, depois de um tempo, quando percebem que os professores se importam com elas, baixam sua guarda e deixam-se levar com muita facilidade.

A função materna é entendida como aquela que provê o bebê com segurança, confiabilidade e proteção. Inclui também a construção da rotina cotidiana de cada bebê. A função paterna destaca-se por cumprir um papel de corte, de inscrição dos limites. Ou ainda, a ‘consciência moral’ de cada sujeito, permitindo, deste modo, uma convivência social harmoniosa, produtiva e saudável. (PRESTES 2005, p. 39).

Segundo Antunes (2000) todas as relações familiares e profissionais devem ser envolvidas pela afetividade, em todas as idades ou nível sociocultural. Relação

aluno-professor se equilibra e constrói-se mais intenso afeto, fazendo com que nas decisões e ações, o afeto tenha peso.

“As crianças veem na segurança uma espécie de desafio que as convida a provar que podem ser livres”. (WINNICOTT, 1997, p. 43).

O contato social da criança com seu meio influenciam o aspecto cognitivo e também o afetivo. “As transformações da ação provenientes do início da socialização não têm importância apenas para a inteligência e para o pensamento, mas repercutem também profundamente na vida afetiva”. (BEE, 1986, p. 37).

Aspectos da dinâmica familiar podem ser muito poderosos na vida da criança, visto ser no lar que, em geral, ela desenvolve quase todos os repertórios básicos de seu comportamento, bem como já os tem como funcionais na ocasião em que tem acesso à escola. (ZAMBERLAN; BIASOLI-ALVES, 1997, p. 41).

“O vínculo familiar, em seus aspectos biológico, social e afetivo é condição para o desenvolvimento global da criança. Não há possibilidade, de sobrevivência física e psíquica no desamor”. (BOCK, 2008, p. 254).

“A escola faz um tipo de trabalho e a família outro”. Ambas se complementam de forma maravilhosa e incrível para o bem estar e a formação integral das nossas crianças. Mas nem uma nem a outra podem suprir todas as necessidades infantis e juvenis sem ser um conjunto. (ZAGURY, 2002, p. 24).

Schmidt (1973) nos relata que cumpre aos pais assegurar a si mesmos e aos filhos desenvolvimento pleno físico, emocional, mental, social e espiritual. Conhecer a interdependência desses vários planos: o estudo, por exemplo, depende muito da afetividade, do estímulo recebido em casa, e não apenas da aptidão para compreender. É preciso, também, saber levar os filhos a integrar os valores positivos do trabalho, da televisão, das leituras, dos companheiros. Criar ambiente-crescimento no lar, de modo a permitir o desenvolvimento pleno do grupo, e de cada pessoa dentro do grupo, na direção exigida pela destinação eterna e no ritmo exigido pela aceleração da história.

Para Assis (1994) a escola é uma das instâncias mais importantes da sociedade e destaca que sua função é ensinar, não se limitando “à simples aquisição de conteúdos, uma vez que o conteúdo, por si só, não desenvolve as habilidades mentais necessárias à formação de um raciocínio flexível e criativo”. (ASSIS, 1994, p. 129-130).

Segundo Cubero (1995):

A escola é junto com a família, a instituição social que maiores repercussões têm para a criança. Tanto nos fins explícitos que persegue expressos no currículo acadêmico, como em outros não planejados, a escola será determinante para o desenvolvimento cognitivo e social da criança e, portanto, para o curso posterior da vida. (CUBERO, 1995, p. 253).

Segundo Malavazi (2000) há uma troca de papéis entre família e escola, em que a instituição de ensino está cada vez mais se preocupando com normas de condutas das crianças e a família se ocupando do ensino de seus filhos.

Algumas atribuições são específicas da família que tem o direito de reivindicá-las para si, enquanto outras cabem a escola que, pela sua natureza, poderá ocupar-se melhor delas. Essas transformações sociais ocorridas na família e na escola camuflaram as atribuições específicas de cada uma delas. (MALVAZI, 2000, p. 258).

É papel da escola “promover o desenvolvimento do indivíduo, tornando-o capaz de enfrentar múltiplas situações”. (ASSIS, 1994, p. 130).

Paro (2008), destaca em seus estudos que não se trata de os pais prestarem uma ajuda unilateral à instituição de ensino nem de a escola repassar parte de seu trabalho aos pais; não basta permitir formalmente que as famílias participem da administração da escola e também não se pode exigir que eles participem do que não têm condições de dar conta e que é obrigação da escola fazê-lo.

Participando das tomadas de decisões da escola, os pais, além de terem melhores condições de influir nas tomadas de decisão a respeito das ações e objetivos da escola, eles estarão investindo na melhoria da qualidade da educação de seus filhos, bem como na melhoria de sua própria qualidade de vida, na medida em que esses adultos estarão mais capazes, intelectualmente, de usufruir melhor de bens culturais a que têm direito e que antes não estavam ao seu alcance. (PARO, 2001, p. 68).

Quanto ao papel da família para com a educação, Paro (2001), enfatiza a importância da adesão dos pais aos propósitos educativos da escola e destaca que essa adesão precisa redundar em ações efetivas que contribuam para o bom desempenho do estudante. Para o bom desempenho dos alunos há um caminho longo a percorrer no interior da própria escola, em termos da adequação de seus objetivos e de seu aparelhamento material, humano e metodológico, e enfatiza que

não se pode estar alheio a isto, destacando a necessidade de reconhecer algo a que a teoria educacional tem prestado pouca atenção.

Por pequena que seja, em comparação com tudo o que há por fazer na escola, a contribuição que os pais podem dar para o processo pedagógico escolar precisa ser levada em conta para evitar o risco de se ignorar algo que é imprescindível para o bom desempenho dos alunos. (PARO, 2001, p. 72).

A família é o espaço indispensável para a garantia da sobrevivência de desenvolvimento e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como se vêm estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo, materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos o valor ético e humanitário, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. (KALOUSTIAN, 1998, p. 11-12).

A educação é um dever da família e da escola, é necessária esta interação para que o processo de ensino seja eficaz, garantindo suporte e apoio para o desenvolvimento da aprendizagem.

FILHOS ESPECIAIS, mães excepcionais!



*Marilza de Sá Brito dos Santos e seu filho
Altan Brito dos Santos*



*Marlene Aires Coelho e sua neta
Rafaela Moura Coelho Huber*



*Marlene Macedo Lago e seu filho
Kauan Anton Lago da Silva*

*Sônia Correa Ernste e sua filha
Daphne Ernste*

Fotografia 5: Mães especiais, filhos excepcionais
Fonte: Revista Kids Mais, 2014

2.2.1 Aprendizagem e o Desenvolvimento e a relação com a afetividade

A aprendizagem é um processo pelo qual o indivíduo adquire inúmeras informações, criam-se habilidades, atitudes e valores, a partir do contato com a realidade e o meio ambiente a qual está inserido construindo autoconhecimento. Aprende a questionar e a conhecer novas fontes do saber.

Segundo Chalita (2001, p. 65) “a questão da aprendizagem supera a questão do ensino. O processo de aprendizagem tem de ser permanente”.

A teoria de Chalita (2001) está de acordo com as modernas concepções de aprendizagem na qual o foco não é o indivíduo, mas sim o coletivo, a aprendizagem depende muito mais do aluno do que do próprio aluno. Não existe educação sem amor.

“Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais”. (FREIRE, 1983, p. 29).

Segundo Piaget (1975) a inteligência é:

Uma das formas que assumiu a adaptação do homem ao mundo exterior. Em primeiro lugar, pode-se atribuir o processo intelectual à pressão do meio exterior, cujas características (concebidas como inteiramente constituídas independente da atividade do sujeito) seriam pouco a pouco gravadas no espírito da criança. Essa adaptação se dá de forma progressiva e é resultante do equilíbrio das estruturas que vão se constituindo ao longo do desenvolvimento da criança. (PIAGET, 1975 p. 335).

Segundo Piaget (1975) do ponto de vista biológico, a organização é inseparável da adaptação, ou seja, são dois processos complementares de um único mecanismo, sendo que primeiro é o aspecto interno do ciclo do qual a adaptação constitui o aspecto externo.

As ações instintivas estão ligadas à alimentação e ao repouso da criança e se dão através das emoções primitivas. A percepção afetiva e egocêntrica se dá porque a criança não separa seu “eu” da realidade exterior. Aos poucos essa criança vai se interessando por suas próprias atividades, cedendo lugar ao sentimento de prazer e desprazer. A eleição do objeto se dá quando a criança começa a interagir com o mundo exterior, conseguindo eleger um objeto afetivo, que recai geralmente sobre a mãe. (WADSWORTH, 1997, p. 46-47).

Wadsworth (1997) nos relata que os fenômenos relacionados à aprendizagem da criança passam por inúmeros fatores que atuam inter-relacionados com a dimensão familiar, social e escolar. Estes são fatores biológicos, fatores psicossociais, fatores pedagógicos e os métodos de aprendizagem. Assim, as primeiras experiências vivenciadas pelas crianças nesse sentido, se dão em grande parte, com os que mais de perto se relacionam com elas.

Se tornarmos a noção do social nos diferentes sentidos do termo, isto é, englobando tanto as tendências hereditárias que nos levam à vida em comum e à imitação, como relações exteriores dos indivíduos entre eles, não se pode negar que, desde o nascimento, o desenvolvimento intelectual é, simultaneamente, obra da sociedade e do indivíduo. (PIAGET, 1977, p. 242).

Conforme Piaget (1977, p. 238) “é a procura da reciprocidade entre os pontos de vista individuais que permite à inteligência construir este instrumento lógico que comanda os outros, e que é a lógica das relações”.

A representação e a linguagem permitem que os sentimentos adquiram uma estabilidade e duração que não tinha antes. Os afetos, ao serem representados, duram além da presença dos objetos que os provocou. Esta capacidade para conservar os sentimentos torna possíveis os sentimentos interpessoais e morais. (PIAGET, apud WADSWORTH, 1997, p. 89).

Vygotsky (1999) deu a seguinte explicação para a zona de desenvolvimento proximal:

Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1999, p. 112-113).

Vygotsky (1999) nos diz que a zona de desenvolvimento proximal define as funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, ao invés de “frutos” do desenvolvimento.

“O bom aprendizado é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento”. (VYGOTSKY, 1999, p. 117).

Vygotsky (1999) propõe que um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento da criança.

Vygotsky (1993) demonstra ao analisar o desenvolvimento de uma criança, que é necessário não se deter apenas naquilo que já amadureceu; também é preciso captar aquilo que ainda está em processo de formação. Propõe a existência de dois níveis de desenvolvimento: o atual e a zona de desenvolvimento proximal. Esclarece que o desenvolvimento atual de uma criança é aquele que pode ser verificado por testes nos quais a criança resolve problemas de forma independente, autônoma. Já a zona de desenvolvimento proximal abarca tudo aquilo que a criança não faz sozinha, mas consegue fazer imitando o adulto.

Vygotsky (1993) cita como exemplo duas crianças que revelaram o mesmo nível de desenvolvimento atual, no caso, ambas com idade mental de oito anos de idade. Portanto, naquilo que elas conseguiam fazer sozinhas, encontravam-se no mesmo nível de desenvolvimento. Mas, no que se refere aos problemas que eram solucionados com a ajuda de um adulto, uma das crianças atingia a idade mental de nove anos, enquanto a outra chegava à idade mental de doze anos.

A zona de desenvolvimento proximal pode, portanto, tornar-se um conceito poderoso nas pesquisas do desenvolvimento, conceito este que pode aumentar de forma acentuada a eficiência e a utilidade da aplicação de métodos diagnósticos do desenvolvimento mental a problemas educacionais. (VYGOTSKY, 1984, p. 114).

Wallon (1968) nos diz através de seus estudos que as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço não podem deixar de exercer uma ação determinante na sua evolução mental. Não porque originem completamente as suas atitudes e as suas maneiras de sentir, mas, pelo contrario, precisamente porque se dirigem, à medida que eles vão despertando, aos automatismos que o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas mantém potência, e por seu intermédio às reações íntimas e fundamentais. Assim se mistura o social com o orgânico.

A emoção necessita suscitar reações similares ou recíprocas sem outrem e, inversamente possui sobre o outro um grande poder de contágio. Torna-se difícil permanecer indiferente as manifestações, e não se associar a esse contágio através de arrebatamentos do mesmo sentido, complementares ou antagônicos. “As emoções eclodem com larga facilidade e intensidade nas grandes multidões, pois nessa ocasião fica abolida mais facilmente, em cada um, a noção individual”. (WALLON, 1971, p. 91).

Wallon (1968) durante seus estudos sobre o desenvolvimento infantil empenhou-se, em encontrar explicações para o problema das origens da inteligência e do caráter, ligado à visão de estágios. Mas que por outro lado a ultrapassa, uma vez que para chegar as suas ideias, se apoiam também em dados da fisiologia, da patologia, da psicologia animal, da etnologia e até mesmo da história e da cultura. Um traço marcante em sua teoria é o entendimento de que a inteligência e a afetividade se influenciam mutuamente, ao longo do desenvolvimento infantil.

A afetividade desempenha um papel fundamental na constituição e funcionamento da inteligência, determinando os interesses e necessidades individuais. Atribui às emoções um papel de primeira grandeza na formação da vida psíquica, funcionando como uma amálgama entre o social e o orgânico. As relações da criança com o mundo exterior são, desde o início, relações de sociabilidade, visto que, ao nascer, não tem “meios de ação sobre as coisas circundantes, razão porque a satisfação das suas necessidades e desejos tem de ser realizada por intermédio das pessoas adultas que a rodeiam”. Por isso, “os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influência do ambiente, as emoções, tendem a realizar, por meio de manifestações consoantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e o seu entourage”. (WALLON, 1971, p. 262).

2.2.1.1 O Lúdico e as implicações na Afetividade

Para Vygotsky (1984), o ato de brincar não está separado das atividades motivacionais e motoras. E esses, são saltos adquiridos ao longo dos processos de desenvolvimento da criança. No brinquedo a criança faz o que gosta de fazer, e aprende as regras sem esforços, expressando espontaneidade e liberdade.

“Cada avanço de estágio de desenvolvimento de uma criança está ligado com uma mudança acentuada nas motivações”. (VYGOTSKY, 1984, p. 107).

Segundo Vigotsky (1991) uma criança que domina o mundo que a cerca é a criança que se esforça para agir neste mundo. Para tanto, utiliza objetos substitutos aos quais confere significados diferentes daqueles que se normalmente possuem. O

brinquedo simbólico e o pensamento estão separados dos objetos e a ação surge das ideias então das coisas.

De acordo com Lopes (2005, p. 35) “o jogo para a criança é o exercício, é a preparação para a vida adulta. A criança aprende brincando, é o exercício que a faz desenvolver suas potencialidades”.



Fotografia 6: Alunos desenvolvendo jogos educativos
Fonte: Escola, 2014

O jogo é, portanto, sob as suas duas formas essenciais de exercício sensório-motor e de simbolismo, uma assimilação da real à atividade própria, fornecendo a esta seu alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu. Por isso, os métodos ativos de educação das crianças exigem todos que se forneça às crianças um material conveniente, a fim de que, jogando, elas cheguem a assimilar as realidades intelectuais que, sem isso, permanecem exteriores à inteligência infantil. (PIAGET, 1976, p. 160).

Wallon (1968) destaca que a criança repete nos seus jogos as impressões que acaba de viver. Ela reproduz e imita. Para as mais novas, a imitação é regra dos jogos, a única que lhe é acessível, enquanto não puderem ultrapassar o modelo concreto, vivo, para atingir a ordem abstrata.

Uma compreensão plena do conceito de zona de desenvolvimento proximal “deve levar à reavaliação do papel da imitação no aprendizado. Têm demonstrado que uma pessoa só consegue imitar aquilo que está no seu nível de desenvolvimento”. (VYGOTSKY, 1984, p. 114).

Segundo Vygostky (1995), a realidade assume um papel junto ao mecanismo psicológico da imaginação e da atividade criadora que com ela se relaciona, e este mecanismo pode ser mais, bem compreendido, a partir de diferentes formas de vinculação existentes entre a fantasia e o real na conduta humana.

Pensando em crianças, desde a vida pré-natal até a adolescência, Antunes (1998) se diz convicto de que o desenvolvimento da inteligência humana não termina nessa faixa etária, ao contrário, cresce por toda vida, principalmente para as pessoas que acreditam no poder de seu cérebro e sabem construir suas próprias motivações. O desenvolvimento das inteligências se processa de maneira mais acentuada quando premiadas pela oportunidade de estímulos. Essa afirmação, entretanto, precisa ser vista nos limites da coerência.

O brinquedo cria na criança uma zona de desenvolvimento proximal, que é por ele definida como a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1998, p. 112).



Fotografia 7: Comemoração ao dia da criança
Fonte: Escola, 2014

Para Vygotsky (1984) o brinquedo é carregado de regras sociais observáveis, aguçando o estado imaginário da criança. Carregando em si símbolos que preenchem, muitas vezes, as lacunas emocionais, e é um fator importante no desenvolvimento da criança. A brincadeira pode ser um indicativo para o professor descobrir as necessidades concretas das crianças.

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidado, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, “de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança e o acesso, pelas crianças ao conhecimento mais amplo da realidade social e cultura”. (BRASIL, 1998, p. 23).



Fotografia 8: Brincando e aprendendo

Fonte: Escola, 2014

É através da atividade lúdica que a criança desenvolve a habilidade de subordinar-se a uma regra. “Dominar as regras significa dominar o próprio comportamento, aprendendo a controlá-lo e a subordiná-lo a um propósito definido”. (LEONTIEV, 1998, p. 139).

Percebe-se que a vivência entre professor/educador, cria um vínculo afetivo, facilitando assim a maneira de conduzir sua aprendizagem e interação social. O afeto em parceria com a ludicidade aumenta ainda mais esse aprender tornando-o, enriquecedor.

2.2.1.1.1 Oficinas Educativas: Brincar e Aprender

Werneck e Isayama (2003) o lúdico é uma das essências da vida humana que instaura e constitui novas formas de fruir a vida social, marcadas pela exaltação dos sentidos e das emoções – misturando alegria e angústia, relaxamento e tensão, prazer e conflito, regozijo e frustração, satisfação e expectativa, liberdade e concessão, entrega, renúncia e deleite.

“O lúdico pressupõe dessa maneira, a valorização estética e apropriação expressiva do processo vivido, e não apenas do produto alcançado”. (WERNECK; ISAYAMA, 2003, p. 37).

“Brincar é também um grande canal para o aprendizado, senão o único canal para verdadeiros processos cognitivos”. (MACHADO, 2007, p. 37).



Fotografia 9: Aluno do Ensino Fundamental na Brinquedoteca
Fonte: Autoria própria, 2014

Para Schimidt (1960) a conversa com o grupo e as narrativas de histórias são talvez os momentos mais preciosos de formação, e desenvolvem singularmente as faculdades da atenção e do raciocínio, a memória, a expressão, o espírito de observação e o interesse pela palavra.

Segundo Schimidt (1960) a linguagem embora seja o processo mais importante da expressão, não é o único meio de traduzir o que vai ao íntimo da alma. O ritmo, música, dança, a pintura, o desenho, a modelagem, a dramatização são reveladores daquilo que a criança não sabe exprimir. Se quisermos conhecer a criança vamos observá-la quando está brincando, interpretando seus desenhos e estudando suas expressões fisionômicas quando toma parte em um brinquedo cantado ou até mesmo numa banda rítmica.

Não há aprendizado sem atividade intelectual e sem prazer, e se não existe aprendizagem sem o lúdico, a motivação através da ludicidade é uma excelente estratégia no auxílio da aprendizagem de crianças com necessidades especiais, pois ao brincar a criança apresenta características de um ser completamente livre, motivado por uma necessidade intrínseca de realização pessoal. (RIZZO PINTO, 1997, p. 336).



Fotografia 10: Alunos da EJA utilizando os jogos lúdicos como método de aprendizagem
Fonte: Autoria própria, 2014

Segundo Araujo (1992) a criança procura compreender o seu mundo através de um relacionamento ativo com pessoas e objetos. Ao deparar-se com situações e acontecimentos, ela vai se adaptando através da construção sucessiva de estruturas, às quais apresentam formas de progresso com relação às anteriores e garante uma equilibração cada vez mais complexa, que culmina com o alcance do raciocínio abstrato.

A criança que joga está reinventando grande parte do saber humano. Além do valor incontestável do movimento interno e externo para os desenvolvimentos físicos, psíquicos e motor, além do tato, que é a maneira privilegiada de contato com o mundo, a criança sadia possui a capacidade de agir sobre o mundo e os outros através da fantasia, da imaginação e do simbólico, pelos quais o mundo tem seus limites ultrapassados: a criança cria o mundo e a natureza, o forma e o transforma e, neste momento, ela se cria e se transforma. (REDIN, 2000, p. 64).

Kishimoto (1998) relata que o brinquedo é uma das formas de mediação e representação afetiva. Neles as crianças expressam seu mundo ilusório, realizando seus desejos. Preenchendo em muitos casos as lacunas afetivas existentes, nessa perspectiva o brinquedo é um realizador de emoções.

Segundo Antunes (2002), os educadores precisam valorizar as atividades lúdicas e acreditar nessa proposta, pois ela envolve diversos fatores, dentre eles o desenvolvimento integral dos participantes, os desejos, os sonhos, as expectativas, as crenças e os mitos desses seres humanos frente a cada contexto sociocultural e político, fazendo-os entender o seu real papel na sociedade.

“O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para a saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento”. (SANTOS, 1997, p. 12).



Fotografia 11: Atividades lúdicas
Fonte: Autoria própria, 2014

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho foi desenvolvido com um estudo qualitativo de cunho bibliográfico e pesquisa de campo que, por meio desta metodologia buscou compreender os acontecimentos históricos educacionais e as relações sociais que indicaram a trajetória da relação professor e aluno, tendo como ponto fundamental a questão afetiva na formação do aluno e sua vinculação com o processo educacional.

Dessa forma, por buscar a análise histórico-crítica da relação entre professor e aluno com observações e leituras, acredita-se que o contato com autores que tratam deste tema proporciona um esclarecimento maior, oportunizando melhorias no desempenho profissional na área educacional, de modo que as leituras abre a mente e concretizam ou mudam ideias que são formadas no decorrer da vida.

Para que o referencial teórico transcorresse de forma positiva e que o desafio proposto se transformasse em um grande aprendizado, foi necessária a leitura de livros, textos, periódicos pesquisados, estruturação dos capítulos e análise bibliográfica. Dessa forma, alguns autores pesquisados, principalmente o referencial teórico de Henri Wallon, Vygotsky, Piaget, entre outros que atentam para a afetividade como ponto de equilíbrio, tanto para o professor quanto para o aluno, descrevendo a respeito da relação afetiva no comprometimento da formação da autoestima e, conseqüentemente, o desempenho do aluno no processo ensino-aprendizagem na educação especial.

Diante disso, os procedimentos realizados contaram com a ajuda e desempenho dos alunos e demais profissionais da Escola, juntamente com pais que ali aguardavam os atendimentos de seus filhos. Através de entrevistas e questionários destinados aos pais e professores, da qual relataram sua satisfação e de que forma esses atendimentos têm contribuído para o desenvolvimento social, intelectual e afetivo do indivíduo.

Os questionários (APÊNDICES D e E) foram elaborados com cinco questões destinadas a levantar informações escritas por parte dos professores e pais, com o objetivo de conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo. As atividades pedagógicas foram acompanhadas e registradas em forma de vídeos e fotografias, evidenciando a afetividade da criança e/ou adolescente durante sua interação social.

3.1 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na Escola, teve como objetivo investigar as formas de relações afetivas existentes entre professores, familiares e alunos, no âmbito escolar, contribuindo de forma significativa na questão da afetividade e sua influência na relação professor-aluno dentro da dinâmica escolar.

3.2 TIPO DE PESQUISA

Foram realizadas observações em sala de aula, vídeos, entrevistas/questionários aplicados às famílias e professores da Educação Infantil, Ensino Fundamental e EJA da Escola, a qual atende 245 alunos com deficiência intelectual e múltipla.

3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população utilizada foi: seis (6) professores - Estimulação Essencial, Pré-Escolar, Ensino Fundamental, EJA, Arte e Educação Física, e quatro (4) mães: Educação Infantil (Estimulação Essencial – 0 a 3 anos), Educação Infantil (Pré-Escolar – 4 a 5 anos), Ensino Fundamental (6 a 16 anos) e EJA (acima de 17 anos).

3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados em salas de aula de Educação Infantil, Ensino Fundamental e EJA, da Escola, rede particular de ensino conveniada com Secretária de Estado da Educação do Paraná. A escola é reconhecida pela comunidade em que está situada pelo bom trabalho que desenvolve com os alunos, sendo que seu

projeto pedagógico amplia o conteúdo de diversas áreas curriculares, envolvendo valores e atitudes considerados importantes para a cidadania. Foram realizadas observações em sala de aula, atividades práticas desenvolvidas em grupo e individual pelo aluno, filmagens, fotografias e entrevistas/questionários individuais aos professores e pais.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Na tentativa de conhecer as concepções desses sujeitos sobre a relação existente entre o aspecto afetivo e cognitivo, definiram-se para coleta de dados, observações em sala de aula, exposição de fotografias e apresentação de vídeos, entrevistas individuais com um questionário exploratório contendo cinco questões cada um, distribuídos a seis professores (Estimulação Essencial, Pré-Escolar, Ensino Fundamental, EJA, Arte e Educação Física) e cinco questões as mães: 1 (um) da Educação Infantil (Estimulação Essencial – 0 a 3 anos) – 1 (um) da Educação Infantil (Pré-Escolar – 4 a 5 anos) – 1 (um) do Ensino Fundamental (6 a 16 anos) e 1 (um) da EJA (acima de 17 anos).

Nessa perspectiva, a técnica de coleta de dados abordou opinião dos sujeitos entrevistados a respeito da afetividade como influência no processo de ensino-aprendizagem. Para melhor identificação buscou-se informações acerca da importância da afetividade e seus benefícios no desenvolvimento das crianças com deficiência intelectual e múltipla.

Todas as respostas foram transcritas para uma folha de papel e procurou-se realizar uma leitura atenta que identificasse pontos convergentes e divergentes em cada resposta do entrevistado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

“A história da educação especial começou a ser traçada no século XVI, com médicos e pedagogos que, desafiando os conceitos vigentes na época, acreditavam nas possibilidades de indivíduos até então considerados ineducáveis”. (MENDES, 2006, p. 387).

Segundo Ribeiro (2003) na antiguidade predominava a filosofia da eugenia e as pessoas com deficiência eram consideradas degeneração da raça humana, sendo eliminadas como forma de não provocar transtornos à sociedade. Com a influência da doutrina cristã passou a haver uma tolerância a essas pessoas, porém de forma segregadora, a fim de separar e evitar qualquer tipo de contato com aqueles considerados normais, recebendo somente uma atenção caritativa.

De acordo com Jannuzzi (1985 apud RIBEIRO, 2003), nas primeiras décadas do século XX, vivia-se no Brasil um período caracterizado pela vertente médico - pedagógica subordinada ao médico, tanto no que diz respeito ao diagnóstico quanto às práticas pedagógicas. Visão esta que perdurou até meados do século XX, quando se priorizava o modelo clínico e a institucionalização, enquanto no atendimento educacional ainda se tinha a predominância da segregação.

Atualmente as lutas pelos direitos das pessoas com deficiência, sua integração social se torna mais presente em diferentes políticas, os movimentos sociais de defesa de direitos das pessoas com deficiência, as famílias, as escolas, a comunidade, mudaram o conceito de incapacidade da pessoa com deficiência, buscou-se então o respeito às diversidades. A pessoa com deficiência tem demonstrado que as suas limitações não fazem delas seres humanos menores que os demais quando lhes são dadas as condições de desenvolverem o seu potencial criativo e humano.

A deficiência seja ela qual for físico-motora, sensorial ou intelectual jamais deverá ser uma barreira para que as pessoas com deficiência tenham acesso a serviços de qualidade, no que diz respeito à saúde, educação, moradia, trabalho, entre outros benefícios garantidos por lei.

A partir do contato com as mães, professoras e alunos da Escola pôde-se perceber claramente que estes direitos e condições foram conquistadas e estão

sendo aplicadas. Hoje a pessoa com deficiência intelectual ou múltipla recebe atendimento educacional especializado, atendimento a saúde, entre outros, o engajamento por parte das famílias, professores, e comunidade em geral proporcionaram esses direitos, e pôde-se constatar durante a realização deste trabalho que a afetividade na relação família-professor-aluno é um elemento essencial no processo de ensino aprendizagem desses indivíduos.

Segundo Moralles (1999), o professor ensina muito mais com sua maneira de ser do que com os conteúdos que repassa para seus alunos, sua atuação sincera, transparente, cativam o aluno abrindo portas para a amizade, o companheirismo e a participação espontânea.

A questão da afetividade e aprendizagem é discutida desde muito tempo por diversos autores, entre eles Piaget, Vygostsky, Wallon, entre outros, da qual relatam que a afetividade existe a partir de outro indivíduo.

Ao serem questionados acerca do benefício da afetividade para o desenvolvimento da pessoa com deficiência intelectual e múltipla da Escola, todos os profissionais e pais foram unânimes em suas respostas. Afirmou-se que a afetividade contribui para o desenvolvimento dos mesmos e promovem-se benefícios proporcionados pelas atividades desenvolvidas em sala ou fora dela como: atividades acadêmicas, dança, música, teatro, atividade física e atividades lúdicas.

Mikkelsen (1978 apud RIBEIRO, 2003, p. 43) coloca como objetivo de todo serviço da educação especial: “Criar condições de vida para a pessoa retardada mental semelhante, tanto quanto possível, às condições normais da sociedade em que vive”.

Normalizar não significa tornar o excepcional normal, mas que a ela sejam oferecidas condições de vida idênticas as que às outras pessoas recebem. Devem ser aceitas com suas deficiências, pois é normal que toda e qualquer sociedade tenha pessoas com deficiências diversas. Ao mesmo tempo é preciso ensinar ao deficiente a conviver com sua deficiência. Ensiná-lo a levar uma vida tão normal quanto possível, beneficiando-se das ofertas de serviços e das oportunidades existentes na sociedade em que vive. (MIKELSEN, 1970 apud RIBEIRO, 2003).

Percebeu-se na fala da professora da Educação Infantil – Estimulação Essencial de 0 a 3 anos, que o cognitivo está associado aos estímulos do afeto, sendo assim, a afetividade media o aprendizado e considera o respeito e a amizade sentimentos importantes na relação entre professor e aluno. Quanto ao domínio de

sala precisa-se conhecer cada aluno, suas peculiaridades e necessidades, saber a forma correta de falar e agir com cada um. A simpatia, amizade, respeito e elogios devem ser contínuos, respeito e afeto pelo aluno são os mais importantes dos sentimentos, através deles é possível uma aproximação para se desenvolver a aprendizagem.

Porém, notou-se que o vínculo afetivo na educação infantil - Pré Escolar 4 a 5 anos é importante para o desenvolvimento do indivíduo, pois é na educação infantil que acontecem as brincadeiras, favorecendo o desenvolvimento social e intelectual. O contato corporal, a socialização faz a criança desenvolver sua área emocional, seu senso crítico e sua autoconfiança. Os sentimentos trabalhados nessa faixa etária são importantes para o pleno desenvolvimento do indivíduo, neste período trabalha-se o egoísmo, a frustração, o respeito, o amor ao próximo, a solidariedade, etc. O domínio de classe deve existir sempre, o respeito entre aluno/professor deve estar presente em situações agradáveis e também desagradáveis, a empatia deve-se estar sempre presente e se ela realmente acontece, o professor tem mais facilidade em desenvolver seu trabalho.

Para VYGOTSKY (1998), as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade. A arte de brincar pode ajudar a criança com necessidades educativas especiais a desenvolver-se, a comunicar-se com os que a cercam e consigo mesma.

A relação com os alunos da faixa etária de 0 a 5 anos deve-se pautar em muita afetividade, carinho e atenção, porém, deve-se chamar sua atenção e corrigi-lo quanto aos comportamentos indesejáveis, pois não existe um método específico para de trabalhar. O lúdico nesta faixa etária favorece o contato corporal e a troca de experiências entre os alunos, formam sua identidade.

Nas atividades lúdicas, a criança desperta sua imaginação e enfrenta suas frustrações. Luckesi (2000, p. 96) diz que o lúdico “é a experiência de plenitude que ele possibilita a quem o vivencia em seus atos”.

Ide (2008) informa que os jogos educativos ou didáticos estão orientados para estimular o desenvolvimento do conhecimento escolar mais elaborado: calcular, ler e escrever. São jogos fundamentais para a criança deficiente mental por iniciá-la em conhecimentos e favorecer o desenvolvimento de funções mentais superiores prejudicadas.

Torna-se imprescindível destacar na visão da professora do Ensino Fundamental – 6 a 16 anos que, se houvesse afetividade entre professor e aluno o índice de abandono e de maus tratos entre os mesmos seria zero. Considera-se então o afeto, uma afeição, amor e amizade, sentimentos importantes na relação com os alunos, pois não é fácil conquistá-los, são variados e cada um com seu modo de ser. Quando se consegue o carinho e o respeito da sala, tudo fica mais fácil, afinal de contas, quando você gosta, você quer preservar, então a amizade fala mais alto e você faz de tudo para não decepcioná-los.

A professora do Ensino Fundamental – 6 a 16 anos descreve ainda que primeiramente deve-se observar a turma, fingir-se de tonta, e então mostrar a que veio, ser sincera, impor e ceder regras, sentar junto, cantar, conversar assuntos fora do conteúdo, a fim de se aproximar, demonstrar que sabe o que está falando e fazendo, criando então uma ponte, isso exige tempo e perseverança. Enfatiza que:

- *Sabe aquele olhar?*
- *Aquele tapinha no ombro?*
- *Aquele tudo bem?*
- *Aquele como você está bonito (a)!*
- *Hoje gostei da sua roupa!*
- *Enfim, é aquela atenção que hoje já não temos mais tempo de dar para o outro.*

Wallon (1975) nos confere uma contribuição importante para se pensar a aprendizagem no âmbito escolar a partir da importância que atribui à afetividade no processo de formação do indivíduo. A escola deve procurar respeitar as emoções e as necessidades individuais, propiciando desafios e atividades que levem o educando a uma crescente elevação da sua racionalidade. Mas a escola deve também refletir e estar preparada para o desenvolvimento de indivíduos potencialmente mais capazes, integralmente formados, onde corpo mente e sentimentos são dimensões indissociáveis do mesmo ser.

Já a professora da EJA – (alunos acima de 16 anos) descreve que:

- Se não temos afeto aquilo que fazemos ou sentimentos já é o início do fracasso ou problemas em sala de aula, atenção, afetividade, respeito é à base da convivência.

Na visão da professora da EJA, considera-se importante na relação com os alunos, o respeito mútuo, a compreensão, a tolerância de ambos os lados, pois a sala de aula é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais e sociais distintos e por isso se não houver sentimentos nesse relacionamento, a convivência se torna difícil, causando diferentes problemas. Em sala de aula trabalha-se a afetividade de forma que o aluno e o professor se respeitem, proporcionando segurança e confiança, quando o aluno sente isso, ele não faz nada para provar a convivência, proporcionando a liberdade nos diálogos, dúvidas ou problemas familiares. Diz a professora:

- Somos extremamente unidos e posso afirmar, não tenho problema de comportamento na sala e ainda mais, muitas vezes eles trocam outros atendimentos para ficar na sala, no início do ano converso abertamente com eles e dou liberdade para que eles falem como devemos conviver no decorrer do ano, deixo bem claro que temos duzentos ou mais dias para estarmos juntos e quanto melhor nossa convivência, melhor será nossa prática acadêmica e social, e que estou com eles para tudo, desde que sejam coisas certas.

A interação entre escola e família acontece através de muitas conversas, participações das mães por meio de bilhetes, telefonemas, dando liberdade para que as famílias exponham seus problemas, mesmo sabendo que na maioria das vezes o não se resolve de imediato, procura-se ouvir as famílias a fim de buscar soluções para todos os problemas.

“A boa educação é aquela que promove gostosamente a diferença humana preparando para a vida”. (MENESES, 2000, p.13).

Relatou-se na fala da professora de Arte ser necessário uma interação afetiva entre o educando e o professor, visto que, em Arte é necessário que o indivíduo demonstre sua criatividade, seja em trabalho plástico ou num ato interpretativo. Para tanto, é importante que o mesmo tenha confiança naquele que o

avaliar, ou seja, o professor, para que este possa demonstrar seu potencial criativo e ser respeitado em suas especificidades na demonstração da sua criatividade.

A professora de Arte enfatiza que a confiança, o cooperativismo, mas principalmente o respeito para com as suas interações criativas são sentimentos importantes na relação com os alunos, enfatiza ainda que o domínio de classe não pode ser confundido com imposição, autoritarismo, mas sim, mostrar ao aluno que ambos buscam o mesmo objetivo e que para isso é necessário o respeito mútuo e disciplina. As ações devem estar dirigidas ao aluno de forma que o mesmo sinta prazer ao realizá-las, o professor deve se adaptar a linguagem do aluno.

A aula de Arte por sua vez, é vista pelos alunos como uma atividade prazerosa e para que esta seja melhor, deve-se trazer novas perspectivas artísticas que lhes chamem atenção, mostrando para o aluno que a atividade que ele produz é única, caracterizando uma "Obra de Arte" da sua autoria, fazendo que este se sinta importante e criativo. Segundo a professora o professor de arte é um pesquisador, ou seja, ele experimenta, constrói e transforma conceitos de sua própria vivência, sua criatividade, para melhorar sua forma de compreender as capacidades e limites do educando e melhor conduzi-lo. Enfatiza ainda que:

- Um professor de arte que não experimenta seu processo criador, provavelmente não terá segurança suficiente para experimentar o processo criador do seu aluno, portanto, partindo desse pressuposto, deve-se direcionar a metodologia de trabalho com ações que estimule o aluno através das nossas próprias experiências, oferecendo-lhes um ambiente de confiança, segurança e respeito, necessários a todo aprendizado. Cria-se um clima de liberdade na expressão do criativo, levando o aluno a socializar-se de forma interativa com os demais da sala, colaborando e respeitando o trabalho do outro.

A professora de Educação Física enfatizou que, a Educação Física é uma disciplina que favorece aos alunos um contato direto, um relacionamento aberto, onde a afetividade, o respeito e confiança caminham juntos. Relata ainda que ter a amizade dos alunos, sem ultrapassar os limites e valores, ensinar, orientar, e corrigir, a ajuda mútua e o companheirismo, ou seja, o contato direto possibilita a troca de ideias e informações, tornando a relação professor-aluno um ambiente agradável.

- Ensinamos e aprendemos muito mais, quando trazemos para a realidade das escolas na modalidade Educação Especial, o carinho e a amizade, assim alcançamos objetivos maiores, pois nem sempre intimidar, amedrontar, ameaçar ou até mesmo ser aquele professor rígido que todos temem, significa ser um bom profissional que têm domínio sobre seu grupo (ou diferentes grupos), teremos uma resposta para cada situação ou para cada dia e até mesmo para cada momento, através da afetividade. Tenho amizade com todos os alunos, tenho um bom relacionamento com todos, desde os menores e mais novos, até aos maiores e mais velhos. Quando se delega a função de ajudante da turma sempre teremos um grupo pronto para cooperar e ajudar os colegas que apresentam mais dificuldades todos os dias.

A mãe A. M. de C. Z. (turma de Educação Infantil 0 a 3 anos), quando questionada sobre a contribuição da afetividade na prática da educação especial para o desenvolvimento do seu filho relatou o seguinte:

- Meu filho obteve grande desenvolvimento na escola, o acolhimento dos professores e de todos os funcionários da escola me ajudou muito em diferentes aspectos, quando cheguei ali pela primeira vez, assustada e com medo, eles me deram todo suporte necessário, pois não sabia como seria lidar com as limitações do meu filho, filho este do meu coração, não gerado por mim, mais escolhido para ser meu, nossa relação é muito forte, ele é minha vida, em casa dou muito carinho, atenção, corrijo nos momentos necessários, pois acredito que impor regras e limites à criança é necessário, brincamos, ouço suas histórias, é muito carinho com todos. A Escola está sendo muito importante na minha vida e na vida do meu filho, os atendimentos prestados na área acadêmica e saúde auxiliaram muito seu desenvolvimento, o carinho fornecido por todos, a alegria do meu filho com seus amigos brincando, fazendo atividades é muito gratificante, nos dá segurança e perspectivas de que o melhor está sendo realizado, difícil não se emocionar ao ver a evolução do meu filho em todos os aspectos, linguagem, coordenação motora, conduta social, tudo isso se dá ao carinho, prestígio e afeto de todos.

Para a mãe M. de S. B. (turma de Educação Infantil 4 a 5 anos), o melhor método de se trabalhar a afetividade com o intuito de construção do conhecimento

de seu filho é o carinho, paciência e dedicação. Sobre sua visão a respeito da importância da afetividade na educação realizou a seguinte observação:

- É visível a melhora do meu filho, ele ama ir pra escola, ama a professora, pois, ela é muito querida. Meu filho é a razão do meu viver, brincamos muito, temos a hora da sessão de denço (kkk), ele é uma doçura, muito carinho. Sou muito presente e atenta, gosto de participar, sempre que possível me dão até algumas dicas, ela é muito dedicada.

A mãe J. A. A. S. (turma de Ensino Fundamental 6 a 16 anos), disse que sua relação afetiva com a filha é divertida, pois brincam muito, a filha é carinhosa, seu tudo. A mãe trabalha a paciência, o amor e o diálogo como métodos de afetividade, pois é importante dar amor, carinho e respeito. Diz que:

- Em tudo envolve amor, afeto, carinho, desde levar para escola como no dia a dia.

Para a mãe R. T. (turma da EJA acima de 16 anos), a importância da afetividade na educação é fundamental, pois quanto mais se tem afeição por elas, mais facilidade terá para educá-las. Segundo a mãe:

- Educar com amor e carinho, é a melhor forma de progredir em todos os aspectos, sem a afetividade é impossível existir uma boa relação entre mãe e filho. Pra mim o amor é o melhor método sempre, pois com ele tudo será possível.

Quando questionada sobre quais atitudes cotidianas contribuem afetivamente na relação família-escola disse:

- Primeiro lugar, mostrar a eles o quanto o amamos, elogiar sempre, levá-los para passear, respeitar seus limites, mostrar o que é certo/errado, mais sempre deixar claro que o amamos e a importância deles em nossa vida.

Segundo Piaget (1998; 2003) uma característica comum nas teorias de desenvolvimento afetivo estudadas é o consenso quanto aos aspectos cognitivo-

afetivos do desenvolvimento e da aprendizagem. Conforme a criança vai atingindo estados evolutivos em seu desenvolvimento psíquico, as fontes dos estados emocionais se ampliam, tornando-se mais complexas: a afetividade, portanto, vai adquirindo uma relativa independência dos fatores corporais.

De acordo com Freire (1997), a criança quando brinca está descobrindo o seu mundo, está socializando, desenvolvendo a espontaneidade e suas potencialidades, de maneira prazerosa e assim contribuindo no processo de ensino aprendizagem.

Com as informações fornecidas pelas mães e professores, evidenciou-se que a interação entre família, escola e professores é essencial para o desenvolvimento sociocultural, afetivo, autonomia e cognitivo do ser humano. Pode-se constatar nas respostas fornecidas que a afetividade, acontece de forma espontânea, contínua e eficaz, quando trabalhada em conjunto, ou seja, quando todos se preocupam em gerar conforto, bem estar, qualidade de vida, alegria a inclusão de direitos e igualdades acontece em todos os âmbitos, isso fica evidente quando Oliveira (2002) diz:

Brincando, a criança vai construindo os alicerces da compreensão e utilização de sistemas simbólicos como a escrita, assim como da capacidade e habilidade em perceber, criar, manter e desenvolver laços de afeto e confiança no outro. Esse processo tem início desde o nascimento, com o bebê aprendendo a brincar com a própria mãozinha e, mais adiante, com a mãe. Assim como aos poucos vai coordenando, agilizando e dotando seus gestos de intenção e precisão progressivas, vai aprendendo a interagir com os outros, inclusive com seus pares, crescendo em autonomia e sociabilidade. (OLIVEIRA, 2002).

Pelas respostas coletas nos questionários, observações e prática pedagógica por parte dos pais e professores da Escola, o elo afetivo é um referencial para que a escola juntamente com professor e famílias melhorem ainda mais suas intervenções no sentido de ampliá-las por meio do diálogo, jogos lúdicos, dança, música, fatores que possibilitam a interação social, promovendo amizades, diálogos, socialização de grupos, momento de lazer, bom comportamento, respeito às regras e as diversidades, qualidade de vida e o desenvolvimento cognitivo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar essa pesquisa e levantar os resultados, percebe-se que a afetividade não se limita apenas a troca de carinhos, o professor afetivo se preocupa com as dificuldades do aluno, realiza adaptações necessárias à sua condição, não se limitando apenas a elogiá-lo ou ouvi-lo, vai além disso, busca-se então alternativas para uma melhor aprendizagem e qualidade de vida, pois o professor em muitos momentos sofre por não encontrá-las, mas, em nenhum momento desiste. Conhecer o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança possibilita ao professor melhorar ainda mais suas intervenções.

No caso da família pode-se afirmar que não é diferente, receber a criança no âmbito familiar, percebê-la, faz com que o indivíduo se sinta amado, despertando suas emoções, tornando-o capaz de amar e respeitar o próximo. Essa afetividade transmitida pelos pais desde sua gestação é essencial para a construção da sua identidade e autonomia. As emoções manifestadas pela criança dependem da acolhida afetiva da família, pois essa afetividade irá influenciá-lo futuramente, e contribuirá muito para o seu desenvolvimento social e cognitivo.

Com os dados obtidos nesta pesquisa de campo, com os profissionais e pais dos alunos da Escola, verificou-se que a afetividade contribui muito para o desenvolvimento sociocultural, afetivo e cognitivo do ser humano, pois coloca a pessoa com deficiência intelectual e múltipla como grande sujeito capaz de aprimorar sua autoconfiança, autonomia e aprendizagem, cada indivíduo se desenvolve de acordo com suas especificidades, cabe aos pais, e professores respeitá-los e criar condições para isso, o cuidado afetivo e a interação comprometem a todos.

Evidencia-se que a afetividade aproxima alunos, professores e família, constroem amizades, melhora a autoestima, proporciona segurança, cuidado e estimula a uma aprendizagem prazerosa. É possível realizar um excelente trabalho pedagógico baseando-se na inclusão do afeto através do diálogo, respeito, elogios e amor, quando vemos a pessoa com deficiência intelectual e múltipla inserida em projetos sociais, educacional e mercado de trabalho.

Por fim, a sugere-se que se priorize a afetividade em todos os âmbitos sociais, educacional ou não, e que o professor possa elevar seus sentimentos e emoções, valorizando essa questão no aluno, possibilitando um salto qualitativo no processo ensino-aprendizagem. O sistema educacional vivenciado por nós professores atualmente necessita de uma “Pedagogia do Afeto”, com a missão de construir homens e mulheres capazes de vivê-los intensamente, acreditando que o amor, e o afeto é a chave para a educação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. 5ª ed. Campinas: Papirus, 2005.

ANTUNES, C. **A construção do afeto**. São Paulo: Augustus, 2000.

_____. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

ARAÚJO, V. C. de. **O jogo no contexto da educação psicomotora**. São Paulo: Cortez, 1992.

ASSIS, Nízia de. Revendo o meu fazer sob uma perspectiva teórico-prática. In: GRINSPUN, Mirian P. S. Zippin (Org.). **A prática dos orientadores educacionais**. São Paulo: Cortez, 1994.

BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre, 9ª edição: Artmed, 2003.

_____. **A criança em desenvolvimento**. São Paulo, 3ª ed.; Harbra, 1986.

BOCK. A. M. B. **Psicologias - Uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2008.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 33ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação infantil**. Brasília MEC/SEF, 1998. 1 v, pg. 23.

CHALITA, G. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2001.

CODO, W.; GAZZOTTI, A. A. Trabalho e Afetividade. In: CODO, W. **Educação, Carinho e Trabalho**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

COSTA, A. C. G. DA. **Pedagogia da presença: da solidão ao encontro**. 2ª ed. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2001.

CUBERO, R. Relações sociais nos anos escolares: família, escola, companheiros. In; COLL, C. **Desenvolvimento psicológico e educação**. V. 1. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, 253 pg.

DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. São Paulo: Shapire, 1993.

FERRARI, M. O teórico que incorporou o afeto à pedagogia. In: **Revista Nova Escola**, Abril/2004.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio XXI**: o dicionário da Língua Portuguesa. 3ª ed. Totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da Educação Física. 4ed. São Paulo: Scipione, 1997.

_____. **Educação e Mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1983. Coleção Educação e Comunicação vol. 1, pg. 29.

GALVÃO, I. **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

IDE, S. M. O jogo e o fracasso escolar. In: KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

KALOUSTIAN, S. M. **Família brasileira**: a base de tudo. 3ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unicef, 1998.

KISHIMOTO, T. M. **O brincar e suas Teorias**. São Paulo, 1998.

LA TAILLE, Yves de. – **Piaget, Vygotsky e Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão /Yves de La Taille, Martha Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. – São Paulo: Summos, 1992.

LEONTIEV, A. N. **Uma contribuição à teoria do desenvolvimento e aprendizagem da psique infantil**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LOBO, Luiz. **O sequestro das emoções**: como desenvolver os sentimentos da criança e educar seu filho para controlar as emoções e ser feliz. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.

LOPES, M. G. **Jogos na educação**: criar, fazer, jogar. 6ª ed. São Paulo, Cortez, 2005.

LUCKESI, C. C. **Ludopedagogia - Ensaios 1**: Educação e Ludicidade. Salvador: Gepel, 2000.

MACHADO, M. M. **O brinquedo-sucata e a criança**: a importância do brincar, atividades e materiais. São Paulo: Edições Loyola, 6ª ed. 2007.

MALAVAZI, M. M. S. **Os pais e a vida escolar dos filhos**. 2000. 320 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

MELLO, G. N. de. **Educação e sentimento**: é preciso discutir essa relação. In: Revista Nova Escola, Outubro/2004.

MENDES, E. G. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. **Rev. Brasileira de Educação**. V. 11. Nº 33 set/dez 2006.

MENESES, L. C. **Os novos Rumos da Educação**. Revista Impressão Pedagógica. Campinas. São Paulo: Gráfica Expoent. V. 9. Nº 21 mar/abr., 2000.

MORALES, P. **A Relação Professor-aluno**. 2 edição. São Paulo: Loyola, 1999.

NERY, M. P. **Vínculo e Afetividade** – Caminhos das relações humanas. São Paulo: Àgora, 2003.

OLIVEIRA, V. B. (org.). **O Brincar e a Criança do Nascimento aos Seis Anos**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

OSÓRIO, L. C. **Família hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PARO, V. H. **Gestão democrática da escola pública**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2008.

_____. **Administração escolar e qualidade de ensino:** o que os pais ou responsáveis têm a ver com isso? In: BASTOS, João Baptista (Org.). Gestão democrática. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas.** Rio de Janeiro, 1977.

_____. **A construção do real na criança.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

_____. **O nascimento da inteligência na criança.** Editora: Zahar. Rio de Janeiro, 1975.

PINTO, F. E. M. **As muitas faces da afetividade:** um breve debate sobre o funcionamento psicológico do ser humano. Barbarói. Santa Cruz do Sul, n. 28, jan./jun. 2008.

PRESTES, I. C. P. **Psicologia da educação** - Curitiba: IESDE, 2005.

REDIN, E. **O espaço e o tempo da criança.** 3ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

REVISTA, **Kids Mais**, Ano 5, nº 18, Umuarama/PR, Maio de 2014.

RIBEIRO, Maria Luisa Sprovieri. et al. **Educação Especial:** do querer ao fazer. São Paulo: Avercamp, 2003.

RIZZO PINTO, J. **Corpo movimento e educação:** o desafio da criança e adolescentes deficientes sociais. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.

SANTOS, S, M. P. dos. (org). **Brinquedoteca:** o lúdico em diferentes contextos. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SCHIMIDT. Maria Junqueira. **Também os pais vão à escola.** 4ª ed. Ver. E atual. Rio de Janeiro, Agir, 1973.

_____. **Educar pela recreação: para pais e professores.** Rio de Janeiro: Agir, 1960.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **O desenvolvimento psicológico na infância.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A formação social da mente.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

_____. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **Obras Escogidas II.** Madrid: Visor, 1993.

_____. **Obras Escogidas I.** Madri: Visor, v.1, 1991.

_____. **A formação social da mente, L.S. Vigotski.** São Paulo, 1984.

WADSWORTH, B. J. **Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget.** 5ª ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

WALLON, H. **Psicologia e educação da infância.** Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

_____. **As Origens do caráter na criança.** Difusão Européia do Livro, 1971.

_____. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70, 1968.

WERNECK, C. L. G.; ISAYAMA, H. F. **Lazer, recreação e educação física.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual.** São Paulo: Martins Fontes. 1997.

ZAGURY, T. **Escola sem conflito: parceria com os pais.** Rio de Janeiro: 1ª ed. Record, 2002.

ZAMBERLAN, M. A. T.; BIASOLI-ALVES, A. M. M. **Interações familiares – teoria, pesquisa e subsídios à intervenção.** Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1997.

APÊNDICES

Apêndice A



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Pró-Reitoria de Graduação e Educação Profissional
 Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
 Sistema de Bibliotecas

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Autor: Clonice Ceciliano da Rocha Santos
 CPF: 655.507.579-15 Código de matrícula: 152954
 Telefone: (44) 9725 9071 / 36392682 e-mail: usciciliano@hotmail.com
 Autor: _____
 CPF: _____ Código de matrícula: _____
 Telefone: () _____ e-mail: _____
 Autor: _____
 CPF: _____ Código de matrícula: _____
 Telefone: () _____ e-mail: _____

Curso/Programa de Pós-graduação: Letra Língua em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino
 Orientador: Fernando Teodoro
 Co-orientador: _____
 Data da defesa: _____
 Título/subtítulo: A influência do vínculo afetivo na prática pedagógica da Educação Especial
 Tipo de produção intelectual: TCC¹ (TCCE² () Dissertação () Tese
 Declaro, para os devidos fins, que o presente trabalho é de minha autoria e que estou ciente:

- dos Artigos 297 a 299 do Código Penal, Decreto-Lei no 2.848 de 7 de dezembro de 1940;
- da Lei no 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, sobre os Direitos Autorais,
- do Regulamento Disciplinar do Corpo Discente da UTFPR; e
- que plágio consiste na reprodução de obra alheia e submissão da mesma como trabalho próprio ou na inclusão, em trabalho próprio, de idéias, textos, tabelas ou ilustrações (quadros, figuras, gráficos, fotografias, retratos, lâminas, desenhos, organogramas, fluxogramas, plantas, mapas e outros) transcritos de obras de terceiros sem a devida e correta citação da referência.

Clonice C. da Rocha Santos

Assinatura do autor

Assinatura do Autor

Assinatura do autor

Local e Data

Umuarama, 02 de outubro de 2014.

¹ TCC – monografia de Curso de Graduação.
² TCCE – monografia de Curso de Especialização.

Apêndice B



Ministério da Educação
 Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Pró-Reitoria de Graduação e Educação Profissional
 Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
 Sistema de Bibliotecas

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO, DISSERTAÇÕES E TESES NO PORTAL DE INFORMAÇÃO E NOS CATÁLOGOS ELETRÔNICOS DO SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UTFPR

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a UTFPR a veicular, através do Portal de Informação (PIA) e dos Catálogos das Bibliotecas desta Instituição, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o texto da obra abaixo citada, observando as condições de disponibilização no item 4, para fins de leitura, impressão e/ou download, visando a divulgação da produção científica brasileira.

1. Tipo de produção intelectual: TCC¹ TCCE² Dissertação Tese

2. Identificação da obra:

Autor: Cleonice Ceciliano DA Rocha Santos

CPF: _____ Código de matrícula: 152954

655.507.57915 RG: 10.726.978-9

Telefone: _____ e-mail: crisciciliano@hotmail.com.br

(44) 97259071 / 36392682

Autor: _____

CPF: _____ Código de matrícula: _____

RG: _____

Telefone: _____ e-mail: _____

() _____

Autor: _____

CPF: _____ Código de matrícula: _____

RG: _____

Telefone: _____ e-mail: _____

() _____

Curso/Programa de Pós-graduação: Lato Sensu em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino

Orientador: Fernando Peretto

Co-orientador: _____

Data da defesa: _____

Título/subtítulo (português): A influência do vínculo afetivo na prática pedagógica da educação especial

Título/subtítulo em outro idioma: The influence of affective link in practice of teaching Special education

Área de conhecimento do CNPq: _____

Palavras-chave: Afetividade, Pedagogia, Educando, Lúdico, Aprendizagem

Palavras-chave em outro idioma: Affectivity, Pedagogy, Student, Playful, Learning

3. Agência(s) de fomento (quando existir): _____

4. Informações de disponibilização do documento:

Restrição para publicação: Total³ Parcial³ Não Restringir

Em caso de restrição total, especifique o porquê da restrição: _____

Em caso de restrição parcial, especifique capítulo(s) restrito(s): _____

Cleonice c. da Rocha Santos

Assinatura do autor

Assinatura do Orientador

Assinatura do autor

Local e data

Umuarama 02 de outubro de 2014

Apêndice D: QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA AOS PROFESSORES

NOME DO PROFESSOR: _____

TURMA: _____

- 1) Qual a sua visão a respeito da importância da afetividade na educação?
- 2) Quais os sentimentos que você considera importantes em sua relação com os alunos?
- 3) De que maneira a afetividade é utilizada na questão do domínio de classe e como é a sua relação com os seus alunos em sala de aula?
- 4) Qual método você tem adotado para trabalhar a afetividade, com o intuito de construção do conhecimento com seus alunos?
- 5) Quais as atitudes do seu cotidiano contribuem afetivamente na relação professor-aluno?

Apêndice E: QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA AOS PAIS

NOME DO RESPONSÁVEL (MÃE): _____

TURMA: _____

- 1) Qual é sua visão a respeito da importância da afetividade na educação?
- 2) Como é a sua relação afetiva com seu filho?
- 3) Qual o melhor método para se trabalhar a afetividade com o intuito de construção do conhecimento de seu filho?
- 4) Quais atitudes do seu cotidiano contribuem afetivamente na relação família-escola?
- 5) Na sua visão a professora/escola trabalha com atividades direcionadas à interação e a afetividade de seu filho?

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Cleonice Ceciliano da Rocha Santos,
matriculada no curso de pós-graduação *Lato Sensu* em Educação: Métodos
e Técnicas de Ensino da UTFPR- Campus de Medianeira – Polo de
UMUARAMA. Sob o registro acadêmico nº 152954; CPF:
655.507.579-15; RG: 10.726.978-9.

Declaro que o trabalho de conclusão de curso (Monografia)
Intitulado:

A influência do vínculo afetivo na prática
pedagógica da Educação Especial, é de
minha autoria e não contém apropriação indevida de outro autor.

Umuarama 02 de Outubro de 2014.

Cleonice C. da Rocha Santos
CLEONICE CECILIANO DA ROCHA SANTOS